



Atualmente o parque têxtil nacional demanda cerca de um milhão e meio de toneladas de pluma, dentre as quais em torno de quinze por cento estão sendo supridas com importação. Faz-se necessário que o país aumente sua produção para melhoria da balança comercial e manutenção do parque têxtil, utilizando-se de tecnologias que permitam o aumento de produtividade das lavouras.

O algodoeiro COLORIDO BRS 200 MARROM é originado do algodoeiro arbóreo (*Gossypium hirsutum* L.r. *marie galante* Hutch.) e de outras plantas resultantes do cruzamento dos algodoeiros arbóreo e herbáceo. Apresenta-se como uma das principais alternativas agrícolas para o Seridó e outras áreas do Nordeste brasileiro. Pode ser cultivado durante três anos de ciclo, desde que haja rigoroso controle do Bicudo (*Anthonomus grandis*) e, para tanto, evita-se a proximidade de plantios de outras variedades de algodoeiro, inclusive para que não ocorra cruzamento com o algodão convencional.

Para que uma cultura exerze o seu potencial genético produtivo é conveniente que sua exploração seja realizada em regiões que apresentem condições ecológicas adequadas às suas

Zoneamento Agrícola do Algodão no Nordeste Brasileiro Safra 2004/2005. Estado da Paraíba Algodão Colorido BRS 200 - Marrom

Jose Américo Bordini do Amaral¹
Napoleão Esberard De Macêdo Beltrão²
Madson Tavares Silva³

características agronômicas, e semeada na época correta – mês de FEVEREIRO de 2005. Para definição das áreas aptas ao plantio do algodoeiro COLORIDO, as condições climáticas consideradas adequadas foram: 1 - temperatura média do ar entre 20 e 30° C; 2 - precipitação anual entre 500 e 1.500 mm; 3 - umidade relativa média do ar em torno de 60%; 4 - nebulosidade (cobertura de nuvens) inferior a 50%; 5 - inexistência de inversão térmica, isto é, dias muito quentes e noites muito frias e 6 - inexistência de alta umidade relativa do ar associada a altas temperaturas; 7 – baixa ocorrência de orvalho.

Para definição da época de plantio, consideraram-se resultados de ensaios conduzidos em diferentes locais da região Nordeste, sendo a época chuvosa de cada município reconhecida como o período entre os meses em que ocorreram pelo menos 10% do total da precipitação anual, o ciclo fenológico da cultivar sugerida para plantio e a colheita no período seco, porém, é importante frisar que o regime pluviométrico do Nordeste brasileiro apresenta acentuada variabilidade espacial e temporal, o que implica, em alguns anos, antecipação ou atraso do período chuvoso em relação à média.

¹Eng. Agrº. Dr., Pesquisador da Embrapa Algodão. E-mail: bordini@cnpa.embrapa.br

²Eng. Agrônomo. D. Sc. Pesquisador da Embrapa Algodão. E-mail: nbeltrão@cnpa.embrapa.br

³Graduando Meteorologia UFCG. E-mail: madson@eusei.com.br

SOLOS APTOS PARA O PLANTIO

Este tipo de algodoeiro deve ser cultivado onde haja predomínio de solos de caráter eutrófico, pertencentes aos grupos Latossolos, Argissolos, Chernossolos, Planossolos, Cambissolos, Vertissolos, Luvissolos, Argissolos, Neossolos e suas associações.

MUNICÍPIOS E PERÍODOS FAVORÁVEIS AO PLANTIO

A relação dos municípios aptos para o plantio - suprimidos todos os outros onde a cultura não é recomendada para as épocas definidas neste zoneamento - foi baseada em dados disponíveis por ocasião da sua elaboração (Tabelas 1 e 2); portanto, se algum município mudou de nome ou foi criado pela emancipação de um daqueles da listagem abaixo, todas as recomendações serão idênticas às do município de origem, até que nova relação o inclua formalmente.

A época de plantio indicada pelo zoneamento não deverá ser prorrogada nem antecipada, em hipótese alguma. No caso de ocorrer algum evento atípico ou época indicada (p.ex.: seca excessiva que impeça o preparo do solo e a semeadura ou excesso de chuvas que não permitam o tráfego de máquinas na propriedade), recomenda-se aos produtores não efetivarem a implantação da lavoura nesta safra no local atingido, uma vez que, fatalmente, o empreendimento estará sujeito a eventos climáticos adversos que não podem, ainda, ser previstos pelo zoneamento.

Tabela 1. Municípios aptos para plantio no Estado da Paraíba

Areia de Baraúnas	Nova Palmeira	Santa Luzia
Baraúna	Passagem	São José dos Espinharas
Cubati	Patos	São Mamede
Cacimba de Areia	Pedra Lavrada	São Vicente do Seridó
Frei Martinho	Picuí	Santa Terezinha
Juazeirinho	Quixadá	São José do Sabugi
Junco do Seridó	Salgadinho	Tenório
Mãe D'água	São José do Bonfim	Várzea

CULTIVAR

A cultivar de algodão a ser utilizada será a inscrita no Registro Nacional de Cultivares – RNC, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no âmbito do Zoneamento Agrícola, com suas características, reação a doenças e eventos adversos, indicados pelos Obtentores/ Detentores (Tabela 2). (*Instrução Normativa nº 1, de 11.11.98, Secretaria da Comissão Especial de Recursos - CER, publicada no Diário Oficial de*

Tabela 2. Cultivar BRS 200 Marrom, desenvolvida pela Embrapa e suas características fenológicas.

Tipo	Perene
Altura média da planta (cm)	140
Hábito de crescimento	Indeterminado
Ciclo	Médio
Dias da emergência	ao florescimento 55 à colheita 150
Precocidade de maturação (dias)	95
Resistência	ao tombamento Resistente à tração das fibras Forte
Comprimento da fibra	Longo
Percentagem de fibras(%)	33
População recomendada de plantas/ha	55500
Potencial produtivo @/ha	87
Disponibilidade de sementes (ton.)	150
Reação a doenças	
Bacteriose	AR
Fusariose	-
	Alternária S
Mancha de	Stemphylium MR Verticillium -
Nematóides	-
Ramulose	MR
Viroses	R

Cultivar recomendada para irrigação.

MR = Moderadamente resistente; MS = Moderadamente suscetível; AR = Altamente Resistente; S = Suscetível.

12.11.98). A ocorrência de resultados diferentes daqueles detalhados e informados será de inteira responsabilidade dos respectivos Obtentores/ Detentores da cultivar (*Art. 4º da Instrução Normativa nº 1*).

DOENÇAS e PRAGAS NÃO COBERTAS PELO PROAGRO

De acordo com o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, as doenças e pragas abaixo relacionadas não são cobertas pelo PROAGRO, tornando-se responsabilidade de produtor a adoção de medidas e tecnologias para seu controle.

DOENÇAS FÚNGICAS	
Nome comum:	Agente Etiológico
Antracnose:	<i>Colletotrichum gossypii</i>
Complexo fusarium-nematoide:	<i>Fusarium oxysporum f.sp. vasinfectum</i> ; <i>Rotylenchus reniformis</i> ou <i>Meloidogyne incognita</i>
Mancha de Alternária:	<i>Alternaria spp</i>
Mancha cercospora:	<i>Cercospora gossypina</i>
Mancha preta ou de stemphylium:	<i>Stemphylium solani</i>
Murcha de fusarium:	<i>Fusarium oxysporum f.sp. vasinfectum</i>
Murcha de Verticillium:	<i>Verticillium dahliae</i> ; <i>Verticillium albo-atrum</i>
Podridão das maçãs:	Fungos diversos
Ramularia ou Mancha branca:	<i>Ramularia aerola</i>
Ramulose:	<i>Colletotrichum gossypii</i> var. <i>cephalosporioides</i>
Tombamento:	<i>Colletotrichum gossypii</i> ; <i>Rhizoctonia solani</i> ; <i>Fusarium spp.</i> ; <i>Macrophomina phaseolina</i> ; <i>Pythium spp.</i>

DOENÇAS VIRÓTICAS	
Nome comum:	
Mosaico comum	
Mosaico das nervuras	
Mosaico das nervuras forma Ribeirão Bonito ou Doença Azul	
Mosaico tardio	
Vermelhão do algodoeiro e outras doenças viróticas	

BACTERIOSES	
Nome comum:	Agente etiológico
Mancha angular:	<i>Xanthomonas campestris</i> pv. <i>Malvacearum</i>
NEMATOIDES	
Agente Etiológico	
<i>Meloidogyne incognita</i>	
<i>Pratylenchus brachyurus</i>	
<i>Rotylenchulus reniformis</i>	
<i>Helicotylen chus</i> sp. E <i>Belenolaimus gracilis</i>	

OUTRAS DOENÇAS

Nome comum:	
Murchamento avermelhado	

PRAGAS

Nome comum:	Nome científico
Acaro branco:	<i>Polyphagotarsoneurus latus</i>
Acaro rajado:	<i>Tetranychus urticae</i> ; <i>Tetranychus desertorum</i>
Acaro vermelho:	<i>Tetranychus iudaei</i> ; <i>Tetranychus nobilellus</i> ; <i>Tetranychus evansi</i>
Bicudo:	<i>Anthonomus grandis</i>
Broca do algodoeiro:	<i>Eutinobothrus brasiliensis</i>
Broca do ponteiro:	<i>Conotrachelus denieri</i>
Cigarrinha verde:	<i>Empoasca kraemerii</i>
Cigarrinha branca:	<i>Agallia</i> sp
Curuquerê:	<i>Alabama argillacea</i>
Falsa medideira:	<i>Thichoplusia ni</i>
Gafanhoto do Nordeste:	<i>Schistocerca pallens</i>
Lagarta das maçãs:	<i>Heliothis virescens</i>
Lagarta dos capulhos:	<i>Heliothis zea</i>
Lagarta militar:	<i>Spodoptera frugiperda</i>
Lagarta rosada:	<i>Pectinophora gossypiella</i>
Lagarta rosca:	<i>Agrotis ipsilon</i>
Mané-mago:	<i>Stirphra robusta</i>
Mosca branca:	<i>Bemisia tabaci</i> , <i>Bemisia</i> spp
Mosquito do algodoeiro:	<i>Gargaphia torresi</i>
Percevejo manchador:	<i>Dysdercus</i> spp
Percevejo rajado:	<i>Horcias nobilellum</i>
Pulgão do algodoeiro:	<i>Aphys gossypii</i>
Pulgão verde:	<i>Myzus persicae</i>
Tripe:	<i>Trips tabaci</i> , <i>Frankliniella</i> sp.; <i>Hercotrips</i> sp.; <i>Calioptrips</i> sp.; <i>Selenotrips rubrocinctus</i> ; <i>Trips palmi</i> , <i>Trips</i> spp.
Vaquinha:	<i>Diabrotica speciosa</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura de sequeiro não permite controle da oferta hídrica, pondo a atividade em risco de cultivo em períodos inadequados, podendo a safra ser comprometida pelo excesso ou pela escassez de água, acarretando prejuízos aos produtores e aos agentes financeiros da atividade.

A exploração de culturas em áreas não apropriadas impossibilita rendimentos satisfatórios e contribuir, sem dúvida, para o mau uso do solo e da água, propiciando a degradação e a subutilização dos recursos naturais disponíveis.

A superfície terrestre se comporta de forma dinâmica, apresentando mudanças causadas por fenômenos naturais ou como consequência da ação antrópica. Em virtude da necessidade de se obter o

máximo rendimento com a preservação dos recursos existentes em determinada área, surge a necessidade de planejamento e o ordenamento da exploração, de acordo com as características locais. O uso irracional dos recursos naturais se reflete principalmente na degradação da cobertura vegetal e no uso incorreto do solo. O planejamento ambiental visa reordenar o uso do solo, de forma que a intervenção humana minimize os impactos ambientais negativos.

A avaliação do potencial do solo é um estágio muito importante nos estudos ambientais voltados aos zoneamentos e planejamentos. A identificação de regiões com condições edafoclimáticas, que permitam às culturas externar o seu potencial genético, é prática imprescindível para o sucesso da agricultura. Estudos relacionando a interação solo - planta - clima, permitem que se definam áreas que apresentam aptidão para a exploração agrícola das plantas, viabilizando a atividade. A técnica do zoneamento com base em informações do solo, planta e clima, possibilita a definição dos ambientes agroecologicamente favoráveis para que as culturas potencializem suas características agronômicas, como se estivessem em seu habitat natural.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, R. C. de. Viabilidade do Nordeste no século 21. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos, 2000. 51p.

ALMEIDA, O. A. de; BELTRÃO, N. E. de M.; GUERRA, H. O. C. Crescimento, desenvolvimento e produção do algodoeiro herbáceo em condições de anoxia do meio edáfico. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v.27, n.9, p.1259-1272, 1992.

AMORIM NETO, M. da S.; BELTRÃO, N. E. de M. Determinação da época de irrigação em algodoeiro herbáceo por via climatológica. Campina Grande : Embrapa Algodão, 1992. 17p. (Embrapa Algodão. Comunicado Técnico, 34).

AMORIM NETO, M. da S.; MEDEIROS, J. C.; BELTRÃO, N. E. de M.; FREIRE, E. C.; NOVAES

FILHO, M. de B.; GOMES, D. C. Zoneamento para a cultura do algodão no Nordeste. II – Algodão Herbáceo. Campina Grande: Embrapa Algodão, 1997. 31p. (Embrapa Algodão. Boletim de Pesquisa, 35).

BELTRÃO, N. E. de M.; AZEVEDO, D. M. P. de. Defasagem entre as produtividades real e potencial do algodoeiro herbáceo: limitações morfológicas, fisiológicas e ambientais. Campina Grande: Embrapa Algodão, 1993. 108p. (Embrapa Algodão. Documentos, 39).

BELTRÃO, N. E. de M.; AZEVEDO, D. M. P. de; NÓBREGA, L. B. da; SANTOS, J. W. dos. Modificações no crescimento do algodoeiro herbáceo sob saturação hídrica do substrato em casa de vegetação. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v.32, n.4, p.391-397, 1997.

EMBRAPA. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido. (Petrolina, PE). Relatório técnico anual – 1979-1990. Petrolina, 1993. 175p.

FARIAS, W.R.G.; AZEVEDO, P.V. de. Zoneamento da época de semeadura do algodão herbáceo no Nordeste do Brasil. Campina Grande: UFPB, 2000. 28p.

MEDEIROS, J. da C.; AMORIM NETO, M. da S.; BELTRÃO, N. E. de M.; FREIRE, E. C.; NOVAES FILHO, M. de B. Zoneamento para a cultura do algodão no Nordeste. I. Algodão arbóreo. Campina Grande: Embrapa Algodão, 1996. 23p. (Embrapa Algodão. Boletim de Pesquisa, 31).

PASSOS, S. M. de G. Algodão. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1977. 424p.

SOUZA, J. G. de; BELTRÃO, N. E. de M.; SANTOS, J. W. dos. Influência da saturação hídrica do solo na fisiologia do algodão em casa de vegetação. Revista de Oleaginosas e Fibrosas, v.1, n.1, p.63-71, 1997.

SUDENE. Pacto Nordeste: ações estratégicas para um pacto de desenvolvimento regional. Recife: Sudene, 1996. 77p.

**Comunicado
Técnico, 235**

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário, CP 174
58107-720 Campina Grande, PB
Fone: (83) 315 4300 Fax: (83) 315 4367
e-mail: sac@cnpa.embrapa.br
1^a Edição
Tiragem: 500



**Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento**



**Comitê de
Publicações**

Presidente: Luiz Paulo de Carvalho
Secretária Executiva: Nivia M.S. Gomes
Membros: Demóstenes M.P. de Azevedo
José Wellington dos Santos
Lúcia Helena A. Araujo
Maria Auxiliadora Lemos Barros
Maria José da Silva e Luz
Napoleão Esberard de M. Beltrão
Rosa Maria Mendes Freire

Expedientes: Supervisor Editorial: Nivia M.S. Gomes
Revisão de Texto: Nisia Luciano Leão
Tratamento das ilustrações: Geraldo F. de S. Filho
Editoração Eletrônica: Geraldo F. de S. Filho